ANÁLISE DISCURSIVA DO CORDEL *A GUERRA DA BALAIADA* DE MAGNO JOSÉ CRUZ

Antônio Luiz Alencar Miranda[1]

Adriele Lorrane Alves dos Santos[2]

Bianca Pereira de Sousa[3]

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, gênero poético de ampla circulação da cultura nordestina, apresenta-se não apenas como um meio para a expressão artística, mas também como um instrumento discursivo e ideológico capaz de preservar a memória coletiva e de apresentar resistência diante de discursos hegemônicos. É nesse sentido que a presente pesquisa tem como objetivo analisar os discursos presentes no cordel *A Guerra da Balaiada*, de Magno José Cruz, examinando a ideologia, a historicidade e as condições de produção que o sujeito-autor utiliza na obra para recontar um episódio histórico ocorrido no Maranhão, entre os anos de 1838 e 1841. O autor desenvolve essa obra sob a perspectiva dos balaios, como maneira de conferir protagonismo a um grupo historicamente marginalizado, que teve sua voz silenciada e sua história contada de forma errônea. Esse silenciamento fez com que, por muito tempo, esse conflito se estabelecesse na visão da população nordestina de forma mal contada, o que ocorreu, sobretudo, em virtude dos elementos discursivos utilizados pela classe dominante da época.

De acordo com Gramsci (1999), a cultura é indissociavelmente ligada às relações sociais e aos conflitos entre classes, sendo simultaneamente um espaço de dominação e de resistência. Nesse sentido, a cultura é uma das formas de manifestação da expressão humana dentro de uma determinada comunidade. A autora Cláudia Rejane Pinheiro Granjeiro (2002), em seu livro O Discurso Religioso na Literatura de Cordel de Juazeiro do Norte, apresenta a ideia de que toda e qualquer sociedade possui sua cultura, crenças, tradições e formas de expressá-las a fim de disseminá-las ao maior número possível de espectadores. É nesse cenário que o Nordeste apresenta a literatura de cordel como um símbolo da cultura nordestina.

O cordel apresentou-se na comunidade nordestina, inicialmente, sendo produzido por grupos de pessoas que viviam na zona rural e que o estabeleceram como a forma de apresentar sua história e as tradições presentes daquela comunidade, por meio de seus versos e da oralidade. Essa dualidade presente na literatura de cordel, com sua linguagem simples e oralidade que permite cantar os versos, possibilitou que grande parte da comunidade pudesse ter acesso a esses conhecimentos das tradições nordestinas. Visto que grande parte da sociedade, naquele momento, era carente de educação formal e possuía dificuldades de leitura, o cordel, por ser uma literatura que possibilita a oralização, contribuiu para que seus versos fossem absorvidos e sua história fosse entendida e contada de geração em geração. É nesse sentido que os autores de cordéis, por meio dessas estrofes de linguagem fácil, buscavam facilitar a memorização para a contação das histórias da comunidade. Essas histórias possuíam os mais diversos tipos de conteúdo: desde apresentar as dificuldades cotidianas da vida no campo e na agricultura, até lendas presentes nas regiões nordestinas e remédios caseiros que poderiam ser utilizados para diversos tipos de ferimentos e doenças. Assim, o cordel se estabeleceu como uma tradição que fortalece a memória discursiva sobre a identidade local.

A pesquisa fundamenta-se na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, corrente

1 Prof. Doutor Associado I da UEMA/Campus Caxias. E-mail: antonioluiz.amiranda@gmail.com

2 Discente em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas. Bolsista PIBIC/FAPEMA. E-mail: adrielesantos2487@gmail.com

3 Discente em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa. Bolsista PIBIC/UEMA. E-mail: bianca.pdsousa@gmail.com

que compreende a linguagem não apenas como um simples meio de comunicação, mas como uma prática social atravessada por determinações históricas, ideológicas e inconscientes. Essa abordagem diferencia-se da perspectiva estruturalista de Saussure, que entende a língua como um sistema fechado e autônomo. A Análise do Discurso francesa busca apresentar um novo olhar para os efeitos de sentido que são produzidos no fio do discurso, dependendo das condições históricas específicas que contribuem para que determinados efeitos ocorram e outros não.

Nesse contexto, o discurso crítico apresentado no cordel *A Guerra da Balaiada*, de Magno José Cruz, desenvolve um importante papel na construção de uma versão diferente da história contada oficialmente, apresentando uma crítica perante os fatos que foram apresentados e mostrando-se como um novo olhar para uma mesma história que foi contada de forma pejorativa e teve fatos omitidos — fatos esses que seriam de grande importância para o entendimento completo do que ocorreu.

A partir da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, pretende-se investigar como o sujeito-autor utiliza elementos e mecanismos do discurso crítico para reconstruir uma memória coletiva de uma história que foi silenciada, recontando elementos presentes no conflito da Guerra da Balaiada a partir da ótica dos oprimidos. Essas pessoas estiveram presentes de forma ativa na Guerra da Balaiada, lutando por direitos, igualdade e necessidades básicas do ser humano. Nesse sentido, o sujeito-autor, através do discurso informativo e crítico, denuncia as situações presentes dentro da sociedade nordestina da época, apresentando as desigualdades, os abusos e os preconceitos que o grupo social marginalizado, composto por pessoas negras e escravizadas. Ao mesmo tempo, questiona a legitimidade da versão oficial dos fatos, que foi amplamente difundida pela elite dominante que, por ter tido grande repercussão, reverbera ainda na atualidade.

Nesse viés, a seleção e a escolha da teoria da Análise do Discurso como abordagem teórica mostram-se fortemente pertinentes dentro da pesquisa, uma vez que permitem compreender os sentidos produzidos pelo texto enquanto prática social de interação do homem com a realidade e a história. O discurso busca analisar a ideologia presente nos cordéis, a historicidade dos discursos que foram utilizados e seus elementos para a construção de sentidos no cordel *A Guerra da Balaiada* (1998). Assim, investiga-se como se constitui o interdiscurso em relação à historicidade e às condições de produção.

METODOLOGIA

O projeto é de caráter qualitativo e de cunho social, isto se deve ao objeto de estudo por possuir relevância enquanto produção de sentido no contexto inserido. Nesta pesquisa, a primeira etapa foi a realização de leituras teóricas acerca de estudos realizados em torno dos discursos e os aspectos históricos ideológicos.

O levantamento bibliográfico teve suporte teórico nos estudos de Althusser (1992) Bakhtin (1992) Cardoso (1999) Fiorin (2003) Koch (1992) Pinto (1999) Granjeiro (2002) Foucault (1986) Pêcheux (1997, 1988) Maingueneau (1997, 2001) Miranda (2013, 2017) etc.

Em um segundo momento no universo da pesquisa foi feita a leitura do cordel "A Guerra da Balaiada", que tem 35 estrofes marcadas exclusivamente pelas sextilhas.

Em um terceiro momento, a fase de análise discursiva do cordel buscando compreender o funcionamento e organização da prática discursiva e da produção de sentidos no cordel A Guerra da Balaiada, de Magno José Cruz.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua, antes de tudo, é uma maneira de interação social, sendo uma forma de expressão do pensamento humano. É por meio dela que o ser humano estabelece a comunicação, seja de forma oral ou escrita. Contudo, a língua não se limita à função comunicativa, desempenhando

também um espaço em que se materializam as relações de poder entre grupos sociais, as disputas ideológicas presentes na sociedade e os processos de subjetivação.

De acordo com Bakhtin (apud Brandão, 1998, p. 10), "o percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo a ser expresso à objetividade externa, à enunciação desse conteúdo, é orientada socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, aos interlocutores concretos". Dessa forma, entende-se que a língua é carregada por elementos extralinguísticos, como, por exemplo, o ambiente no qual determinados discursos são proferidos, a posição social de quem fala e de quem ouve, e o contexto no qual a fala está sendo acionada, além de como esse contexto interfere na maneira como será falado.

Sendo assim, a linguagem é o lugar onde as ideologias se manifestam, apresentando fragmentos da realidade e se materializando nos discursos. É nesse sentido que se torna imprescindível o estudo da linguagem enquanto discurso ideológico, pois é justamente a partir da relação que se estabelece no meio social, dependendo das condições de produção, que a fala será influenciada, demonstrando que a ideia do que é ou não dito, do que pode ou como seria dito.

A ideologia tem uma noção ampla e um conceito que se apresentou de forma complexa, sendo inicialmente definido pelo filósofo Destutt de Tracy, em 1801 (na obra Elementos de Ideologia), mas que, ao longo da história, sofreu diversas modificações. Tracy apresentou a ideia de ideologia como a faculdade de pensar; o filósofo tinha como intuito constituir uma disciplina capaz de servir de base para todas as ciências, por meio da edificação de uma "ciência das ideias" circunscrita ao campo da zoologia. O autor almejava apresentar uma explicação sobre a origem das ideias e as leis pelas quais elas se formavam dentro de uma determinada sociedade. A pesquisa do autor buscava traçar um caminho que não colocasse a subjetividade em foco, mas que explicasse a distinção entre ideias verdadeiras (que se referem ao conhecimento das coisas úteis para a ciência) e a falsa ciência (que se refere a superstições e dogmas). É nesse sentido que sua visão busca tornar o termo ideologia conhecido, a fim de atribuir um conceito que seria usado para ciências avançadas, possibilitando a anulação de ideias falsas que atrapalhasse a evolução dos estudos científicos. Entretanto, o termo apresentou sua primeira modificação e ressignificação com Napoleão Bonaparte, que o utilizou de forma pejorativa para insultar os idealistas franceses, chamando-os de abstratos e irrealistas.

O termo aparece com outro olhar em Marx e Engels, que constituem a ideologia em um sentido negativo. Ela é definida por Marx como um instrumento de dominação de classe, visto que a classe dominante impõe suas ideias como sendo "nossas ideias" (Chauí apud Brandão, 1980).

O termo novamente apresenta outra modificação com Althusser (1995), que faz uma releitura dos ensaios produzidos por Marx, expondo em sua obra Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (1970) o termo ideologia como um mecanismo para a conservação e reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas. O autor apresenta duas formas de dominação e conservação de ideias, tidas como "aparelhos". O primeiro é o Aparelho Repressivo de Estado (ARE), constituído por órgãos do governo que agem de forma violenta e física. O segundo denomina-se Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), que correspondem a instituições sociais como igrejas, famílias e o sistema jurídico, que agem pela ideologia e, assim, afetam de forma psicológica o indivíduo.

Althusser afirma que, na busca pela manutenção do poder social e da dominação de uma classe sobre a outra, a classe com poder dominante produzirá mecanismos que são fortemente carregados com elementos persuasivos ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. É nesse sentido que o Estado se faz presente através de seus aparelhos repressivos (administração, exército, polícia, tribunais, prisões) e utilizará ainda os aparelhos ideológicos (religião, escola, família, o direito, a política, os sindicatos, a cultura, a informação), intervindo de forma ideológica nos indivíduos. Isso ocorre apresentando repressão de ideias e tentando impor as ideias da classe dominante como corretas e que devem ser aceitas por todos, submetendo-os a relações de poder e condições de exploração (Brandão, 1995).

Segundo o autor, a ideia do termo ideologia funciona como um meio pelo qual os indivíduos são interpelados como sujeitos e desempenham determinados papéis sociais, visto que a ideologia assume esse caráter de modelagem do pensamento, das ações e do comportamento da sociedade (Brandão, 1995).

De acordo com Ricoeur (apud Brandão, 1995), a ideologia não irá muito longe das ideias produzidas na visão de Marx; porém, o autor define a ideologia em três funções principais: a função geral de conservação de uma ideia; a função de dominação, ligada às classes sociais detentoras de poder, que exercem autoridade e necessitam da ideologia para apresentar legitimidade de seus atos aos indivíduos da sociedade; e a função de deformação, que distorce a realidade para beneficiar determinados grupos sociais.

Segundo Braga, comentado na obra de Brandão (1995), a linguagem enquanto discurso é o sistema-suporte das representações ideológicas. Nesse sentido, percebe-se que, nos processos sociais e históricos em que o discurso agirá como um mediador do que ocorre na realidade e na interação com o homem, a Análise do Discurso se faz necessária para o entendimento do discurso como mediador. O seu estudo está vinculado à sociedade e à interação (como os discursos são produzidos, quais as condições de produção), visto que se tem o entendimento de que a língua é um produto condicionado pelo solo histórico.

Segundo Pêcheux, "o discurso não é mera transmissão de informações, mas efeito de sentidos entre o ponto A e o ponto B, e esses pontos não se referem a presenças físicas, mas a lugares determinados na estrutura de uma formação social" (Pêcheux, 1997, apud Correia; Fonseca, p. 261).

Nesse viés, a teoria da Análise do Discurso teve origem na necessidade de considerar a língua não apenas como um sistema estrutural capaz de estabelecer comunicação e interação social, mas como um acontecimento discursivo no qual o sujeito se constitui por meio da linguagem de forma inconsciente e pela ideologia. Dessa forma, percebe-se que o discurso sofre variação e influência conforme as formações discursivas e ideológicas nas quais ele é enunciado.

Segundo Foucault (apud Brandão, 1995), ao explorar e investigar as formações discursivas, destaca-se o discurso como articulador do poder, apresentando a ideia de que o que pode ser enunciado e como será enunciado está intrinsecamente ligado ao contexto, à historicidade e às ideologias presentes na sociedade. Segundo Brandão (1995), as palavras simples utilizadas no cotidiano chegam aos indivíduos carregadas de sentidos historicamente preexistentes. Na maioria das vezes, a constituição de seu significado é desconhecida pelos seus usuários, embora sejam constantemente utilizadas, fazendo com que o homem utilize essas palavras sem ter a menor consciência das implicações ideológicas que certos termos abrangem.

Nesse sentido, a escolha pela teoria da Análise do Discurso de linha francesa para utilização na pesquisa evidencia-se como pertinente, visto que possibilita investigar os efeitos de sentido presentes nos discursos da obra de Magno José Cruz. Isso se baseia na concepção de que a língua é um produto social e histórico; em vista disso, a linguagem pode ser analisada mediante a situação que ocorre entre o homem e sua realidade social. O discurso possibilita tanto a conservação de determinadas práticas sociais e ideológicas quanto a modificação da estrutura de uma sociedade, uma vez que os sentidos produzidos estão diretamente ligados às condições de produção em que o discurso é gerado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Helena Brandão, em sua obra sobre análise do discurso, "a linguagem enquanto discurso não é neutra, visto que está engajada em uma intencionalidade" (Brandão, 1995, p. 12). Nesse cenário, percebe-se que o sujeito-autor utiliza o discurso com a intenção de propagar um conhecimento a respeito do conflito da Guerra da Balaiada, cuja história teve parte de sua memória apagada em detrimento do discurso disseminado pela classe dominante. A construção de uma história oficial do evento fez com que a versão dos grupos marginalizados

fosse narrada de maneira distorcida, atribuindo-lhes adjetivações pejorativas e representações negativas.

No trecho do cordel "Dá licença, rapaziada, que aqui vou relatar / preste muita atenção para poder depois contar / pois aconteceu no Maranhão, no Piauí, no Ceará" (Cruz, 1998), percebe-se uma estratégia discursiva de aproximação com o interlocutor. A expressão "para poder depois contar" evidencia o uso de uma linguagem simples e coloquial, característica comum ao povo nordestino, o que favorece a oralidade e a circulação do discurso. Essa característica singular da literatura de cordel permite que a reflexão alcance diferentes camadas sociais, apresentando uma perspectiva alternativa sobre a Guerra da Balaiada, geralmente conhecida apenas pela versão oficial dos fatos. Nesse sentido, evidencia-se o discurso enquanto prática social, capaz de produzir sentidos e reconfigurar interpretações históricas.

O discurso apresenta-se, portanto, como um instrumento capaz de assegurar e manter relações e representações sociais de poder, sendo amplamente utilizado pelas classes dominantes na manutenção de ideias, valores e tradições. Por meio dele, determinados grupos sociais buscam legitimar suas posições ideológicas, impondo concepções consideradas universais e incontestáveis. Dessa forma, a classe dominante assume a posição de detentora do conhecimento legítimo, produzindo discursos que dificultam o questionamento de suas ações. Nesse contexto, os grupos dominantes constituem um setor social homogêneo que procura legitimar seus padrões culturais, sociais e históricos como universais, silenciando outras vozes, culturas e narrativas históricas.

Segundo Eni Orlandi (1987, p. 39-40), "as noções de relação de força garantem que possamos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz". A autora exemplifica que um sujeito que fala a partir do lugar de professor produz sentidos distintos daqueles produzidos por um sujeito que ocupa o lugar de aluno. Tal perspectiva reforça a ideia de que a sociedade é estruturada por relações hierárquicas de poder, nas quais a posição social influencia diretamente a valorização do discurso produzido. Nessa lógica, durante a Guerra da Balaiada, os discursos da elite possuíam maior legitimidade social do que aqueles produzidos pelos grupos marginalizados envolvidos no conflito. Isso ocorria porque a sociedade elitizada da época não aceitava ideias divergentes das defendidas pela classe dominante, concebendo-as como as únicas corretas e universais. Assim, os balaios eram frequentemente representados como rebeldes e ameaças à ordem social, sendo alvo de desprezo e marginalização por parte das elites.

Ainda conforme Orlandi (1987, p. 39), o mecanismo de antecipação permite ao sujeito colocar-se no lugar do interlocutor, antecipando os sentidos que determinadas palavras poderão produzir. Nesse sentido, a argumentação desenvolvida em um discurso mobiliza estratégias capazes de produzir efeitos específicos de sentido em quem o recebe. Durante o período da Balaiada, a elite narrava a história dos balaios de forma pejorativa, retratando-os como sujeitos indignos de reconhecimento e direitos. Essa representação contribuiu para que parte da sociedade burguesa desenvolvesse sentimentos de desprezo em relação aos balaios. A construção discursiva realizada pela classe dominante evidencia uma preocupação em dizer exatamente aquilo que seus interlocutores desejavam ouvir, reforçando a ideia de que os balaios representavam uma ameaça ao equilíbrio social. Desse modo, o discurso produzido naquele contexto foi cuidadosamente articulado para ocultar os reais motivos da revolta, mascarando as desigualdades sociais e os processos de opressão que impulsionaram a Guerra da Balaiada.

Os discursos presentes na obra A Guerra da Balaiada, de Magno José Cruz, atuam como instrumento de denúncia dos preconceitos e das injustiças impostas aos grupos sociais marginalizados durante o conflito. Nesse sentido, o sujeito-autor oferece ao leitor elementos textuais que corroboram a construção argumentativa de seu discurso, utilizando registros históricos, documentos e narrativas preservadas ao longo do tempo. Entre esses elementos, destacam-se relatos históricos e registros vinculados à Igreja Católica, os quais, embora preservados, nem sempre foram amplamente divulgados de maneira acessível ou sob uma perspectiva que contemplasse os grupos marginalizados. Assim, tais elementos funcionam

como interdiscurso, uma vez que dialogam com narrativas anteriores e contestam estratégias utilizadas pela elite para assegurar a legitimidade de seus atos e de sua posição social.

Na busca pela transformação e ressignificação da história da Balaiada, o sujeito-autor, ao longo da narrativa, procura, por meio dos discursos presentes no cordel, não apenas recontar os fatos históricos da guerra, mas também (re)interpretá-los sob a ótica dos grupos oprimidos. Dessa forma, oferece espaço para que vozes historicamente silenciadas possam narrar sua própria versão dos acontecimentos. Na obra A Guerra da Balaiada, Magno José Cruz reconstrói a visão atribuída aos balaios, configurando-os como sujeitos dignos, que lutavam por justiça e pelo reconhecimento de seus direitos. Tal perspectiva contrapõe-se à imagem pejorativa disseminada pelas elites, que os descreviam como "gentalha, maltrapilhos, assassinos, bandoleiros, indignos de tal anistia" (Cruz, 1998, p. 9).

Os aspectos sócio históricos presentes nos discursos da obra A Guerra da Balaiada

Os discursos presentes no cordel A Guerra da Balaiada evidenciam uma posição de resistência dos balaios frente à classe dominante, a qual, por meio de mecanismos de opressão, buscava manter sua posição privilegiada de poder e os benefícios obtidos junto ao governo provincial. Em razão disso, os balaios, pertencentes às camadas marginalizadas da sociedade da época, eram submetidos a condições de exploração, desigualdade social e preconceito, fatores que contribuíram diretamente para o desencadeamento do conflito.

Nesse contexto, ao denunciar os maus-tratos sofridos pelas camadas mais pobres da sociedade, o sujeito-autor evidencia as estratégias discursivas utilizadas pelos líderes da elite burguesa para influenciar a percepção da população acerca dos balaios. A construção de uma imagem negativa desses sujeitos ocorreu mediante práticas persuasivas que buscavam convencer a sociedade a aceitar uma visão específica dos acontecimentos. Assim, os discursos produzidos pelas elites funcionavam como mecanismos de convencimento ideológico, induzindo a população a reproduzir concepções favoráveis aos interesses da classe dominante.

Segundo Orlandi (1987, p. 42), o discurso funciona como "um jogo de xadrez em que é melhor aquele que consegue antecipar o maior número de jogadas", ou seja, aquele que consegue mobilizar imagens e sentidos capazes de produzir determinados efeitos sobre o interlocutor. Com base nessa perspectiva, compreende-se que os grupos dominantes utilizavam o discurso estrategicamente, oferecendo à população exatamente aquilo que desejava ouvir, reforçando medos, preconceitos e percepções já cristalizadas socialmente acerca dos balaios.

Diante do exposto, percebe-se que o discurso está intrinsecamente relacionado aos aspectos sócio-históricos, uma vez que suas condições de produção revelam os interesses ideológicos subjacentes a cada narrativa. A classe dominante, ao ocupar posições de prestígio e poder social, apresentava-se como capaz de manipular sentidos, ideias e comportamentos, buscando obter maior apoio popular para legitimar suas ações. Essa estratégia pode ser observada no seguinte trecho do cordel:

"Luiz virou presidente

Da província do Maranhão,

Com poder e muita gente branca

Iniciou a repressão,

Jogando pessoas brancas

Contra os negros em ação"

Esse trecho da obra dialoga com a concepção defendida por Michel Pêcheux acerca dos protagonistas do discurso. Para o autor, os sujeitos discursivos não devem ser compreendidos apenas como indivíduos isolados, mas como sujeitos que ocupam determinados lugares sociais dentro de uma estrutura historicamente constituída. Em consonância com essa perspectiva, Brandão (1995) argumenta que os protagonistas do discurso não se apresentam apenas em sua materialidade física enquanto indivíduos, mas representam posições sociais vinculadas às formações discursivas e ideológicas produzidas em uma dada formação social.

A posição social ocupada por um indivíduo exerce significativa influência sobre o discurso que enuncia e sobre os sentidos produzidos por esse dizer. No interior do discurso, operam formações imaginárias pelas quais os sujeitos constroem imagens de si mesmos e do outro. Assim, a classe dominante, por ocupar posições privilegiadas de poder, atribuía a si própria a imagem de detentora da verdade e da ordem social. Em contrapartida, os balaios eram representados como revoltosos e ameaças ao equilíbrio da comunidade. Por outro lado, os balaios, ao experienciar diretamente os maus-tratos, a desigualdade e a opressão promovidas pelas elites, construíam uma imagem distinta: viam-se como sujeitos de resistência, cuja luta representava uma tentativa de enfrentamento das injustiças sociais sofridas.

O sujeito-autor enuncia seu discurso de forma crítica, evidenciando os mecanismos de dominação utilizados pela classe dominante e o racismo institucional que recaía sobre os balaios. O sujeito-autor não é proprietário do discurso, mas enuncia a partir de um lugar social marcado pelo reconhecimento.

O trecho do cordel constrói um discurso de denúncia ao mostrar como o poder político, encarnado em Luís Alves de Lima e silva, promoveu uma repressão racial estruturada, lançando brancos contra negros em um conflito orquestrado. O sujeito enunciador, posicionado em uma formação discursiva crítica, reescreve na memória social um episódio de violência racial, revelando os efeitos da ideologia e do poder na constituição das relações sociais e, ao mesmo tempo, questionando o papel do Estado como promotor dessa divisão.

A expressão "com poder e muita gente branca" não só marca a crítica à autoridade ostentatória de Luís, mas também reforça o tom irônico, sugerindo autoritarismo e vaidade no exercício do poder. Segundo Brandão (1995), toda autoridade procura legitimar-se, e, para isso, é necessário que haja, correlativamente, uma crença por parte dos indivíduos. Desse modo, percebe-se que a ideologia racista e preconceituosa atua nos discursos políticos que apresentam ideologias de forma silenciosa ao apresentar a repressão como ação do Estado, mas que, na realidade, se dá por meio de uma divisão racial institucionalizada, colocando pessoas brancas contra negros.

Essa construção revela um funcionamento ideológico em que a violência contra corpos negros se apresenta sob a aparência de uma ordem política. Isso ocorre em decorrência da aceitação da elite branca dessa ideologia, visto que havia a crença de que os balaios estavam tirando a paz da comunidade. Assim, o autoritarismo se consolidou, foi aceito, difundido e disseminado pela elite branca, já que os interesses do Estado estavam sendo assegurados também pela mesma sociedade.

Como o poder se autoriza nos discursos da produção do cordel

O poder é colocado no discurso do cordel de duas maneiras: de um lado, o português que age como opressor visando permanecer como classe dominante; e, de outro, as figuras históricas marginalizadas como protagonistas que resistem à opressão. Em vista disso, as formações discursivas de opressão da burguesia entra em conflito com a formação discursiva dos oprimidos quando o sujeito-autor apresenta provas concretas que foram registradas nos arquivos oficiais sobre A Guerra da Balaiada, fazendo uso do discurso científico que visa apresentar dados de forma legítima, assim, contradizendo o que foi aceito institucionalmente pela igreja, pois esses documentos colocam personagens como Negro Cosme e Raimundo

Gomes em posição de rebeldes, assassinos e ladrões quando na realidade esses Personagens estavam lutando em busca de dignidade.

{...}Na história que tem nos livros

Escritos pela burguesia

Cosme é o grande bandido

E Luís, racista assumido

É o herói Duque de Caxias{...}

O trecho do cordel revela o movimento de resistência discursiva frente a uma formação discursiva dominante que, historicamente, exerce o poder simbólico de definir quem são os heróis e os vilões da narrativa nacional. A burguesia, ao escrever um discurso histórico que marcou os livros, ocupa uma posição de poder discursivo institucional, determinando as representações sociais e identitárias. Figuras como Cosme enfrentam essa lógica, enquanto Duque de Caxias é exaltado. Essa narrativa oficial sustenta uma ideologia que inviabiliza a luta negra e popular, ao mesmo tempo em que heroifica agentes do Estado responsáveis pela repressão.

O poder, nesse contexto, está diretamente ligado à capacidade de produzir, legitimar e institucionalizar sentidos. Como destacam Michel Foucault e Michel Pêcheux, a enunciação do cordel subverte essa lógica de poder, ao expor o jogo ideológico por trás das classificações. Ao nomear Duque de Caxias como racista assumido e Cosme como vítima da criminalização histórica, o sujeito-autor rompe com os sentidos naturalizados e desestabiliza o discurso hegemônico, denunciando os efeitos de um poder discursivo que exclui, silencia e marginaliza.

Enquanto o discurso feito pela elite branca, aceito e disseminado pela Igreja Católica, foi colocado como a "história real", por outro lado, o sujeito-autor dá protagonismo às figuras históricas que sofreram com a repressão, como fica evidente no trecho:

{...}Ali Negro Cosme implantou

Uma conceituada escola

Para ensinar a ler e escrever

À toda a massa quilombola.

Queria o líder dizer:

Façamos nossa história." {...}

Nesses trechos, o sujeito-autor coloca Negro Cosme como um líder que queria o bem do povo, fazendo o que a politicagem daquela época não fazia: implantando uma escola conceituada, ensinando crianças e mulheres a ler e escrever, para que eles pudessem contar a sua própria história, visto que lhes havia sido negado esse privilégio e que foram retratados na história de forma pejorativa. Fica claro a discrepância de como Cosme é tratado nas duas versões da história. Foi atribuído a ele uma imagem de vilão, enquanto o sujeito autor mostra que na verdade o balaio estava fazendo pelo povo o que as autoridades da época não faziam e dando uma

resposta às ações de descaso governamental. Em vista disso, nota-se como os efeitos de sentidos produzidos por determinados discursos são utilizados com cautela em um jogo estratégico, que busca fortalecer uma ideologia em detrimento do bem-estar social. “O discurso deve ser visto como um jogo estratégico e polêmico, no qual não pode mais ser analisado apenas sob o aspecto linguístico, mas como um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva, e como luta”. (Foucault apud Brandão, 1995, p. 31)

Nessa perspectiva, o discurso crítico feito pelo sujeito-autor se inscreve em uma formação discursiva contra hegemônica que revela o caráter político da linguagem e evidencia que o discurso é o lugar de disputa de poder, onde diferentes forças tentam fixar sentidos sobre os sujeitos e os acontecimentos históricos.

Além disso, por muitos anos, os discursos propagados pela elite dominante foram disseminadas com êxito, pois durante um período a população aceitou o discurso persuasivo de que as ações dos balaios eram atos de rebeldia contra a ordem e a paz social e se estabeleceu na memória coletiva, consolidando a visão de combate e dos balaios como vilões da história.

{...}O mesmo Luís Alves de Lima

Que negociou com farroupilhas

Tratou os negros guerreiros

Como gentalha maltrapilha

Como assassinos, bandoleiros

Indignos de tal Anistia{...}

O trecho desestabiliza o discurso histórico dominante sobre Luís Alves de Lima e Silva ao revelar o duplo tratamento dado aos revoltosos brancos e aos negros guerreiros. O sujeito do discurso denuncia a lógica racista e excludente do Poder Imperial, que nega dignidade aos negros insurgentes e os descreve como marginais. Através de recursos linguísticos marcadamente críticos e irônicos, o enunciador reescreve sentidos na memória histórica brasileira, disputando o modo como os fatos e os sujeitos são representados e reconhecidos.

Observe-se que os termos como “gentalha”, “maltrapilha”, “assassina” e “bandoleiros” não estão apenas citando insultos, mas marcando discursivamente a violência simbólica e discursiva imposta aos negros. A construção do trecho em oposição entre sujeitos brancos e negros explicita uma disputa por sentidos: o que é herói e o que é bandido são definições feitas ideologicamente e que a partir da forma em que são contados e propagados um discurso se sobressai sobre o outro.

A expressão “indignos da tal anistia” carrega ironia e crítica à falsa neutralidade das leis, revelando que a história não é contada de modo imparcial, mas a partir de interesses ideológicos. Esses trechos evidenciam o poder que a classe burguesa exerce sobre a sociedade, mostrando como o pensamento do grupo dominante se torna o pensamento de todos por meio dos discursos impostos e defendidos pela Igreja da época. Esse discurso está de acordo com o que Foucault afirmou: “O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso que se passa por verdadeiro, que vincula o saber, é gerado pelo poder.” (Foucault apud Brandão, 1995, p. 31)

Esses trechos evidenciam o poder que a classe burguesa exerce sobre a sociedade, como o pensamento do grupo dominante se torna o “pensamento de todos”. Esse raciocínio está de

acordo com o que Foucault afirma “Como um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de jogadas, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na Constituição dos sujeitos esperando onde eles estão, com as palavras que eles” querem” ou “gostariam ou deveriam “ouvir” (Foucault apud Brandão, 1995, p. 31).

O interdiscurso em relação com a sua historicidade de acordo com as condições de produção

As condições de produção se referem às circunstâncias, ou seja, ao contexto social, histórico e ideológico que possibilitam uma enunciação. É nesse ponto que se busca estabelecer uma relação entre o discurso e as condições de produção, pois as condições sociais e históricas que permeiam o discurso permitem que ele possa ou não ser produzido, além de gerar determinados efeitos de sentido e não outros (Mussalim, 2003, p. 112).

Além disso, a memória é um elemento relevante para o discurso, agindo como um interdiscurso, ou seja, como relação entre discursos. Sendo assim, trata-se de uma memória discursiva que se comporta como o já dito ou o sentido pré-existente, afetando o modo como o sujeito enuncia e como se dão os efeitos de sentido.

A memória, por sua vez, tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E é nessa perspectiva que ela é tratada como interdiscurso. Esse é definido como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito, que está na base do discurso, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (Orlandi, 1987, p. 31)

O interdiscurso se manifesta pelo sujeito-autor ao utilizar a memória discursiva sobre o evento da Balaiada para retratar a história. O autor recorre a documentos históricos e à memória institucional (arquivo) para trazer legitimidade à sua narrativa poética, visto que, para a ciência, é tão importante estabelecer provas concretas.

{...} A província naquela época

Tinha problemas sociais

Sofriam caboclos e negros

Com os preconceitos raciais

Fome, “pega”, desemprego

Tudo consta nos anais{...}

O trecho enuncia, a partir de uma posição ideológica crítica, uma denúncia das condições sociais e raciais da época mencionada, questionando os registros oficiais da história. O sujeito-autor é atravessado pela memória discursiva que resgata o sofrimento marginalizado (caboclos e negros), e seu discurso é tecido por interdiscursos populares que confrontam as versões legitimadas pelo saber institucional.

A classe dominante utilizou da legitimidade concedida pela Igreja Católica para manter suas representações como agentes da ordem na comunidade. Segundo Vignaux (1979, apud Orlandi, p. 73), “o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade.

No entanto, ele funciona como forma de assegurar a permanência de uma certa representação". Nesse sentido, o discurso persuasivo propagado pela elite foi utilizado de forma estratégica para assegurar, por muito tempo, a construção de uma boa imagem da elite branca e dos soldados, e uma imagem pejorativa dos balaios.

A referência aos "caboclos e negros" evidencia uma crítica ao racismo estrutural e à invisibilização histórica dessas populações, marcando a ruptura com discursos hegemônicos que costumam apagar ou suavizar conflitos sociais do passado. O sujeito-autor atua recuperando vozes historicamente excluídas e as (re)inscreve no espaço público do discurso. Termos como "fome, pega e desemprego" trazem uma materialidade popular concreta, remetendo a discursos sociais que circulam fora do espaço institucional. São marcas do interdiscurso. O uso do termo "pega", expressão popular, foi utilizado como estratégia de aproximação do discurso com o povo, em contraste com o discurso institucional dos anais, que não estabeleciam conexão direta com a população. Ao afirmar que "tudo consta nos anais", há uma tensão: essa afirmação parece ironizar os registros oficiais da história, questionando quais vozes são legitimadas e quais são silenciadas nos arquivos históricos.

Segundo Mussalim, "uma formação discursiva é governada pela formação ideológica e, como uma formação discursiva é um dos componentes de uma formação ideológica específica, ela se constitui como espaço de embates e lutas ideológicas". Nesse cenário, nota-se a existência de uma luta de formações discursivas dentro do cordel, na qual o autor contrapõe a visão da classe dominante, e a visão dos balaios e povos marginalizados. O autor coloca em cena as duas versões sobre a Balaiada, para que o leitor perceba os pontos em que a história foi mal contada.

{...} "Reivindicava a liberdade,

Criticava o preconceito,

Queria a total expulsão

Dos lusitanos solteiros

Transformava em ação

O blá-blá-blá politiqueiro."{...}

No trecho, a expressão "reivindicava a liberdade" entra em oposição ao que foi dito nos discursos proferidos pela classe dominante, que classificava a revolta da Balaiada como uma rebeldia contra a ordem e o equilíbrio social, quando, na verdade, era uma resposta aos maus-tratos sofridos. Além disso, a expressão "transformava em ação o blá-blá-blá politiqueiro" revela a real situação do governo da época, em que os povos marginalizados, aqueles que não pertenciam à classe dominante, eram maltratados e ficavam à mercê de uma política incapaz de resolver os problemas sociais.

CONCLUSÃO

A análise revela que a obra *A Guerra da Balaiada*, de Magno José Cruz, expõe uma disputa de narrativas. De um lado, encontra-se a versão historiográfica da classe dominante, que por muito tempo perpetuou uma descrição preconceituosa e equivocada sobre a Balaiada e seus participantes não pertencentes à elite. Do outro, emerge o discurso dos grupos sociais oprimidos e marginalizados, cuja história foi mal contada e desrespeitada, mas que, por meio dos discursos

críticos apresentados no cordel, tiveram suas vozes ouvidas e puderam reinterpretar seu lado da história, oferecendo uma segunda versão de um passado distorcido.

Conforme Foucault, "a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas" (apud Brandão, 1995, p. 38). Nos discursos analisados, o autor-sujeito apresenta duas formações discursivas interligadas: a da opressão pela elite burguesa e a dos oprimidos, representados pelos balaios, a quem o autor confere protagonismo. Essa dinâmica é explorada através da luta de classes, onde a classe dominante e a classe dominada expõem seus argumentos como em um campo de batalha, buscando que suas vozes sejam ouvidas. Contudo, um dos lados emprega artimanhas e estratégias para se sobressair na disputa. A obra de Magno José Cruz se insere em um ambiente crítico, estabelecendo um diálogo entre as duas faces de uma história repleta de conflitos e equívocos, permitindo que os leitores reflitam e tirem suas próprias conclusões a partir de uma abordagem completa. Dessa forma, o autor cria um efeito de sentido que possibilita uma reflexão sobre o evento, algo que não ocorreu no passado, visto que os oprimidos não tiveram a oportunidade de esclarecer seu ponto de vista.

A pesquisa evidenciou um redirecionamento do olhar sobre os discursos críticos como forma de questionar a legitimidade de fatos históricos que ocultaram outras faces da história, não alinhadas ao jogo político e estratégico de uma classe que dominou os dizeres de uma época. O discurso pode ser utilizado como um instrumento ou uma arma de transformação social em uma sociedade marcada por mazelas que precisam ser combatidas.

A obra demonstra como uma sociedade pode utilizar discursos estratégicos e ideológicos para transmitir ideias autoritárias e como artimanhas são empregadas para disseminar uma visão equivocada a um público que não questiona a legitimidade de um fato, seja por falta de educação formal ou pela imposição de aceitar ideias alheias como suas. Os efeitos de sentido produzidos pela narrativa proposta pelo autor-sujeito revelam como o discurso pode ser empregado para dar voz aos grupos populares e marginalizados, registrando acontecimentos históricos a partir de uma ótica diferente daquela narrada pela classe dominante e propagada como a face ilegítima da história. A Balaiada, ocorrida no Maranhão entre 1838 e 1841, foi um movimento de grande importância para a história do Brasil, porém cuja memória oficial é marcada por uma visão de uma classe dominante que despreza parte de uma população marginalizada, como negros e escravos, tratando-os nos documentos oficiais como violentos e desordeiros.

Entretanto, na narrativa de criticidade discursiva explorada pelo autor-sujeito, os sujeitos populares ganham espaço para falar e se reconhecer, tornando-se protagonistas de sua própria história. O autor resgata elementos que servem de interdiscurso, como símbolos culturais, sociais e políticos, revelando as condições de vida do povo maranhense da época, seus sofrimentos e lutas por dignidade. Nesse sentido, o discurso questionador exposto funciona como uma forma de resistência cultural e de reinterpretação da memória coletiva, apresentando a Balaiada como um movimento de contestação à opressão e às desigualdades sociais.

Segundo a Análise do Discurso, todo enunciado é atravessado por condições históricas e ideológicas que orientam a produção de sentido. Assim, a obra de Magno José Cruz não apenas relata fatos, mas se insere em uma rede discursiva mais ampla, dialogando com outras vozes, memórias e representações sociais sobre a Balaiada.

Nesse processo, a análise do discurso apresenta-se como um lugar de resistência simbólica, no qual a memória popular pode se opor à memória oficial. O interdiscurso, conceito fundamental na teoria, evidencia como o cordel retoma discursos já existentes da elite, da história oficial, das tradições populares, mas os ressignifica, produzindo novos sentidos. Dessa forma, o texto funciona como um contradiscurso, revelando perspectivas antes ocultadas ou apagadas pela narrativa dominante.

Os aspectos sócio-históricos, por sua vez, manifestam-se no diálogo entre o cordel e o contexto em que a Balaiada ocorreu, além da relação com o presente do autor. O texto não reconstrói o passado de forma neutra, mas a partir de condições concretas de produção, em que memórias, saberes e ideologias se entrelaçam.

Dessa maneira, o estudo da Análise do Discurso permite compreender como a linguagem é atravessada pela história e pela ideologia, mostrando que todo dizer é situado, marcado por vozes sociais em conflito. A forma como o discurso é usado como denúncia social revela, assim, uma prática discursiva de resistência, que possibilita enxergar outras formas de narrar a história do Brasil, a partir das vivências e lutas do povo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas-SP: ed. Da UNICAMP.

CRUZ, Magno José. **A Guerra da Balaiada**: epopéia dos guerreiros balaios na versão dos oprimidos. 2. Ed. São Luís, Centro de Cultura Negra do Maranhão – CCN, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 6 ed., Campinas, SP: Pontes, 1987.

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar: Miranda, S. M. N. S. **Discurso e história no Cordel "CAXIAS", de Cid Teixeira de Abreu**, ISBN 9788544433188. In: ASSIS, Emanoel Cesar Pires de (Org.) O Maranhão revisitado: literatura e história Maranhenses. 1 ed. Curitiba: CRV, 2019, v. 1, P. 145 –159.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense/Universitária, 1986.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

_____. **Análise Automática do Discurso** (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel foucaul. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 59-158. [1969]

CORREIA, K. & FONSECA, T**. Pêcheux entre o sujeito da interpelação e o do inconsciente ou duas saídas para uma mesma questão**. Analytica | São João del-Rei | v. 7 | n. 13 | julho/dezembro de 2018.